



## **A extensão universitária em tempos de pandemia: reflexões sobre Educação do Campo na Baixada Campista (RJ)**

*University extension programs in times of pandemic: reflections on Rural Education in the Baixada Campista*

**Viviane Cristina Silva Lima**

Doutora em Políticas Públicas Comparadas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Norte Fluminense (UENF). E-mail: ufrj49@gmail.com.

**Mírian Marques da Silva**

Licenciada em Geografia pelo Instituto Federal Fluminense (IFF). E-mail: mms.04@hotmail.com

**Kíssila dos Santos Monção**

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). E-mail: moncao.kissila@gmail.com.

**Ricardo André Avelar da Nóbrega**

Doutor em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). É Professor Associado da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). E-mail: ravelarnobrega@gmail.com

### **Resumo**

O projeto de extensão universitária intitulado “Educação do Campo: limites e possibilidade da formação continuada para educadores na Baixada Campista” nasceu das demandas pela formação continuada em metodologias e estratégias pedagógicas para os estudantes do campo. A proposta das atividades presenciais ocorria em uma escola estadual de ensino médio na Baixada Campista (RJ), mas, em decorrência da pandemia de Covid-19, o projeto precisou se (re)inventar, explorando os territórios digitais. Por tudo isso, o objetivo do texto é descrever as estratégias utilizadas pela equipe do projeto para não paralisar as atividades. A metodologia utilizada na construção do texto foi a observação participante e a revisão de literatura. Após a análise das ações desenvolvidas pelo grupo, foi constatado que o projeto aumentou sua capilaridade graças às redes sociais e ao empenho dos envolvidos na produção de material didático.

Palavras-chave: Metodologias Ativas. Aprendizagem. Educadores. Escola. Protagonismo.

## Abstract

The university extension project “Educação do Campo: limits and the possibility of continuing education for educators in Baixada Campista” originated from the demands for continuing education in methodologies and pedagogical strategies for rural students. The on-site activities took place in a public high school in Baixada Campista (RJ), but due to the Covid-19 pandemic the project needed to be redesigned by exploring digital territories. Thus, the objective of the article is to describe the strategies used by the project team to avoid paralyzing activities. The methodology used in the writing was participant observation and literature review. After analyzing the actions developed by the group, it was found that the project increased its scope due to social networks and the commitment of those involved in the production of teaching materials.

Keywords: Active Methodologies. Learning. Educators. School.

## I Introdução

A educação é um dos processos de formação da pessoa humana capaz de promover transformações profundas no seu *modus vivendi*. É importante destacar que, através do aludido processo, as pessoas se inserem numa determinada sociedade, por isso a educação sempre está ligada a um determinado projeto político e a uma concepção de mundo e de sociedade.

Nesse sentido, uma análise mais cuidadosa dos modelos educativos propostos para o campo e para a cidade evidencia as disputas e as contradições desses territórios. Historicamente, o meio rural é palco de projetos educacionais que não valorizam a identidade dos camponeses e desqualificam o seu saber-fazer. Assim, refletir e construir os pressupostos que orientem a Educação do Campo deve ser permanentemente uma questão de toda sociedade e uma tarefa de todos os movimentos populares.

A Educação do Campo, como instrumento de transformação da realidade, vai além da dicotomia campo x cidade, pelo contrário: ela aborda o território como *locus* de um processo de desenvolvimento indissociável da territorialidade, da ancestralidade e do protagonismo. Assim, é necessário romper a lógica dual e residual de como é abordada a política educacional nas escolas rurais. (CALDART, 2004).

Diante disso, para que os processos, os tempos e os espaços formativos estejam alinhados ao desenvolvimento endógeno, é imprescindível que a formação inicial e continuada dos educadores do campo esteja articulada às necessidades da população local. Nesse sentido, a construção de um projeto político pedagógico – verdadeiramente identitário – ocorrerá por meio de uma interação dialogada entre a escola e a comunidade.

Por tudo isso, o presente relato tem por objetivo descrever as ações do projeto de extensão universitária intitulado “Educação do Campo: limites e possibilidades da formação continuada para educadores na Baixada Campista”. Embora o escopo do projeto seja a formação continuada e presencial para os educadores, as atividades descritas nesse texto farão referência às estratégias remotas, adotadas em decorrência da pandemia de Covid-19, uma vez que as aulas presenciais foram suspensas em toda a rede de ensino. Para a construção do texto, adotamos, como procedimentos metodológicos, a observação participante e a revisão de literatura.

## 2 O projeto de extensão universitária: justificativas, objetivo e metodologia

Um dos maiores desafios na efetivação da Educação do Campo (EC) nas escolas é a falta de identificação/simpatia dos educadores em relação a uma proposta educativa diferenciada que esteja alicerçada no protagonismo dos estudantes. Cabe acentuar que, mesmo em cidades interioranas, há muitos profissionais que não desejam realizar suas atividades docentes em unidades escolares longe das áreas urbanas. Isso ocorre principalmente pela dificuldade de acesso, quer não só pelas condições precárias das estradas, mas também pela irregularidade na oferta de transporte público. Por outro lado, é preciso destacar que, em muitos casos, a atuação dos educadores em escolas rurais é livresca e descontextualizada.

A questão é que a maioria dos educadores reproduz os conteúdos utilizados nas escolas urbanas, sem que haja uma dialogicidade com as realidades, as identidades e a cultura territorial. Essa prática contribui com a seguinte gradação: reprovações, elevada distorção idade-ano, altos índices de evasão escolar e, por fim, êxodo rural. Situação que denota a falta de sentido da escola na vida dos estudantes (e de suas famílias).

Convém ressaltar que, ao discutirmos questões referentes à (re) produção social, ao *modus operandi* e ao *modus vivendi* dos adolescentes “rurais” e dos adolescentes “urbanos”, é fundamental a compreensão das dinâmicas presentes nessa temática, para que esse processo não resulte numa homogeneização identitária e cultural desses territórios e de suas territorialidades.

Assim, acredita-se que, para a escola fazer sentido para os “adolescentes rurais”, deve arcabouçar-se nos pressupostos epistemo-metodológicos da Educação do Campo. Entende-se por tal educação aquela que valoriza as identidades camponesas, a resistência do trabalho camponês “e das lutas sociais e culturais dos grupos, que hoje tentam garantir a sobrevivência desse trabalho”. (CALDART, 2012, p. 258).

Por tudo isso, o projeto está articulado a algumas justificativas:

1) na necessidade de fomentar o protagonismo dos jovens rurais, a fim de que eles tenham condições dignas de permanência em seus territórios, mitigando o êxodo rural e o agravamento das condições vulnerabilidade socioeconômica;

2) promover ações de valorização das identidades territoriais, visto que a história da educação no Brasil denuncia o descaso com projetos educacionais destinados aos territórios camponeses. Essa justificativa está articulada à 3) construção conjunta de estratégias didático-pedagógicas que contribuam para melhoria do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb);

4) No que confere à construção do saber acadêmico, a proposta do Projeto de Extensão é efervescer as discussões sobre os limites e as possibilidades da Educação do Campo no contexto Norte Fluminense. A UENF tem uma vasta literatura sobre a questão agrária, principalmente no que concerne à luta pela posse da terra e à inserção do Movimento dos Trabalhadores Rurais na região, mas as discussões sobre os desdobramentos dessa luta, em relação à educação, são incipientes;

5) Em relação aos professores, o projeto se justifica na possibilidade de oferecimento de uma formação continuada em seu ambiente de trabalho, otimizando o período que está cumprindo sua carga horária na unidade escolar. Segundo Santos (2011), a formação do educador do campo precisa alinhar-se aos princípios de uma prática pedagógica articulada às bandeiras, aos projetos, às perspectivas e às utopias dos trabalhadores. O autor ainda chama a atenção para a importância da “produção do saber construído em parceria com os educandos/as, educadores/as, pais e todos aqueles que, direta ou indiretamente, fazem parte dos movimentos sociais e secretarias de educação que lutam por suas histórias, valores e reconhecimento” (SANTOS, 2011, p. 3);

6) No que se refere às estratégias de superação da pobreza e da fome, a proposta justifica-se no fomento a uma agricultura sustentável geradora de alimentos saudáveis;

7) No âmbito das ações estratégicas internacionais de fomento à sustentabilidade e atendimento à Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável, O projeto atende ao objetivo 2 dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, que preveem Educação de Qualidade (AGENDA 2030);

8) E, por fim, em relação ao território, o projeto se justifica em sua dinamização. Vale frisar que partimos do princípio que, quando a escola cumpre sua função social de formar e informar, o estudante se reconhece protagonista do processo formativo e trabalha em prol do desenvolvimento territorial.

No que compete às linhas de extensão universitária propostas pela UENF, o projeto conjumina os debates com: (a) o desenvolvimento rural e a Questão Agrária (QA); (b) o acesso aos direitos individuais e coletivos; (c) a formação de professores e (d) as metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem. Já no que tange às áreas temáticas, o projeto de extensão contempla a Educação, a Cultura, os Direitos Humanos e o Meio Ambiente.

Assim, o objetivo geral do projeto é propor ações pedagógicas em duas linhas de ações: a primeira, partir da construção de conhecimentos e estratégias educativas que contribuam para a melhoria do processo de ensino aprendizagem dos estudantes do Colégio Estadual Almirante Barroso, localizado na Baixada Campista; a segunda, aproximar as famílias da escola, promovendo, a partir das trocas de experiências e de uma educação protagonizada pelos atores locais, um ensino contextualizado.

Merece enfatizar que, embora houvesse uma dificuldade de conseguir reunir todos os professores para uma formação coletiva, as atividades programadas estavam ocorrendo com o apoio da coordenação pedagógica. Mas, com a suspensão das atividades presenciais nas escolas da rede de ensino, foi preciso que outras estratégias fossem adotadas para dar continuidade ao cronograma de execução previsto no projeto.

## *2.1 As estratégias de educação remota: as possibilidades e a capilaridade nas redes sociais*

A intensificação no uso das mídias sociais e das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) criam um leque de possibilidades e oportunidades para educação remota. De acordo com Valente et al. (2017, p. 458), essa situação provocou transformações “nos modos de interagir, representar o pensamento, expressar emoções, produzir e compartilhar informações e conhecimentos, assim como aporta novos elementos à aprendizagem, podendo trazer novas contribuições e desafios aos processos educativos”.

No entanto, outras questões precisam ser analisadas à luz da inserção das TDIC nos processos de ensino-aprendizagem, em especial quando a referência é a rede pública de ensino e as escolas do campo. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), organizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 20,7% dos domicílios localizados no meio rural não possuíam acesso à internet, uma vez que os moradores não sabem usar o serviço; em 20,8% dos domicílios, o serviço não estava disponível; 24,2% dos entrevistados declaram que o serviço era caro, fator que dificultava a contratação; em 24,8% dos domicílios, não havia a utilização da internet por falta de interesse no acesso. (IBGE, 2018).

É necessário sublinhar que a PNADC (2018) revelou ainda as finalidades do acesso à internet. Do total de domicílios rurais com acesso, 93,6% das pessoas utilizam o serviço para enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de e-mails. Esse dado revela o poder de capilaridade dos aplicativos de mensagens, principalmente o WhatsApp, no relacionamento entre as pessoas. Essa mesma finalidade em relação aos domicílios urbanos era de 95,6%.

Assim, munida dessas informações, a equipe do projeto encaminhou mensagens de texto, imagens e vídeos sobre suas ações para contatos pessoais, tanto na área de educação quanto para interessados nas temáticas que discutem geografia agrária, campesinato e políticas públicas. O emprego dessa estratégia proporcionou o (re)conhecimento por parte do setor de educação da Câmara dos Vereadores de Campos dos Goytacazes.

No âmbito do aumento da capilaridade das ações do projeto, traçamos algumas estratégias não só para efervescer as discussões sobre assuntos que dialogam com a Educação do Campo e com a Agroecologia, bem como para atingir outras pessoas, universidades e grupos de pesquisa que se interessam pelo assunto. Enquanto ferramenta de comunicação,

criamos uma conta no Instagram (@educampo\_uenf), na qual postamos, diariamente, fotos, vídeos e conteúdos, além de compartilharmos as atividades de outros projetos de extensão da UENF, a fim de proporcionar visibilidade aos outros grupos e aumentar a disponibilidade de acesso às informações científicas dos nossos seguidores.

Vale frisar que a “conquista” das redes sociais em tempos de pandemia não apenas evidenciou as fragilidades e as desigualdades sociais no mundo da educação, mas também demandou uma (re) invenção e uma (re)significação do processo de ensino-aprendizagem, no qual o estudante passa a ser protagonista. Para Valente et al. (2017), o grande desafio é:

Repensar sobre novas propostas educativas que superem a instrução ditada pelo livro didático, centrada no dizer do professor e na passividade do aluno. É importante considerar as práticas sociais inerentes à cultura digital, marcadas pela participação, criação, invenção, abertura dos limites espaciais e temporais da sala de aula e dos espaços formais de educação, integrando distintos espaços de produção do saber, contextos e culturas, acontecimentos do cotidiano e conhecimentos de distintas naturezas. A exploração dessas características e marcas demanda reconsiderar o currículo e as metodologias que colocam o aluno no centro do processo educativo e focam a aprendizagem ativa. (VALENTE et al., 2017, p. 459).

Ainda sobre a conta no Instagram, por meio dela, temos realizado *lives* sobre temáticas atuais e que transversam as ciências humanas e sociais, as ciências biológicas e as ciências agrárias. Dentre os temas abordados, destacamos: “Racismo e Educação do Campo”, “Sustentabilidade e Agricultura”, “Educação do Campo e Africanidades”, “Educação do Campo e Formação Inicial de Professores” e “Educação do Campo e Agroecologia”. Também realizamos enquetes para aumentar a interação com os nossos seguidores. E, no âmbito da formação remota, optamos por produzir conteúdo ligado à Educação do Campo e por publicar, nas redes sociais, em formato de *post*, o que tem contribuído para aprofundar as discussões das *Lives*.

Uma questão que merece destaque é o grupo de estudos dos bolsistas que está ocorrendo de modo remoto. Para a produção dos *posts*, os bolsistas têm estudado o *Dicionário de Educação do Campo*, entre outras literaturas da área e, posteriormente, discutido os temas pelo grupo do WhatsApp intitulado “Projeto de Extensão”. Ademais, temos buscado outros assuntos de interesse científico, tais como: manejo sustentável dos agroecossistemas, mulheres negras na ciência, mulheres na agricultura, racismo e luta de classes e violência doméstica e relações abusivas. Além disso, temos deixado dicas de leitura no Instagram.

No sentido de demonstrar o potencial transformador da educação, produzimos vídeos com agricultores, educadores e estudantes sobre o a) dia a dia no meio rural; e b) as experiências do Projovem Campo Saberes da Terra e os caminhos trilhados pelos ex-alunos. Com essa atividade, objetivamos difundir as ações do projeto e, também, valorizar os saberes dos homens e das mulheres que vivem e se reproduzem no meio rural.

Além das atividades propagadas nas redes sociais, outras estratégias foram adotadas para manter uma relação de proximidade com a escola. Dentre essas ações, salientamos a preparação de um cardápio pedagógico que foi encaminhado à coordenação. O documento era composto por um conjunto de atividades e temas que poderiam ser trabalhados remotamente. No sentido de efervescer as discussões sobre a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o grupo preparou Planos de Aula utilizando metodologias ativas e os encaminhou à coordenação.

A BNCC é um documento norteador que orienta o currículo em relação aos objetivos da aprendizagem e do desenvolvimento de habilidades e competências. Ela propõe um novo arranjo curricular ajustado a cada realidade. Portanto, o aludido documento abre caminho para a possibilidade de o currículo trabalhar a partir das dinâmicas locais, da cultura, da identidade e dos contextos em que a escola está inserida, trazendo um avanço, já que o processo de ensino-aprendizagem se baseia na perspectiva do estudante, protagonizando-o. (BRASIL, 2017).

Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Em confluência com a BNCC, estão as metodologias ativas do processo de ensino-aprendizagem, as quais pressupõem uma articulação entre os saberes históricos e socialmente construídos pelos estudantes e a aquisição de habilidades e competências para uma educação crítica, criativa e emancipatória.

De acordo com Diesel et al. (2017), os princípios basilares que regem as metodologias ativas são: autonomia, reflexão, problematização da realidade, trabalho em equipe, inovação, perfil do professor articulado à mediação e à facilitação e o estudante como centro do processo de ensino-aprendizagem. Nesse ínterim, as metodologias ativas são potenciais promotoras para as aprendizagens significativas que, segundo Moreira (2010), são aquelas que:

Em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não-literal, não ao pé-da-letra, e não-arbitrária significa que a interação não é com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende. A este conhecimento, especificamente relevante à nova aprendizagem, o qual pode ser, por exemplo, um símbolo já significativo, um conceito, uma proposição, um modelo mental, uma imagem. (MOREIRA, 2010, p. 2)

Diante disso, não somente os estudantes – partindo de suas estruturas cognitivas e memórias afetivas – podem aprender novos conteúdos, mas também os professores. Uma vez que, na sociedade tecnológica e midiática em que vivemos, o conhecimento muda rapidamente, tornando obsoletos conteúdos e descobertas científicas.

### 3 Considerações finais

Assim como a prática pedagógica precisou ser (re) inventada a fim de atender aos estudantes em tempos de pandemia de Covid-19, a extensão universitária igualmente precisou seguir novos caminhos, (re)definindo, (re)desenhando e (re)significando as suas estratégias de intervenção e de popularização científica. Nesse sentido, o ensino, a pesquisa e a extensão se lançaram ao desafio de conquistar os territórios digitais para continuar veiculando formação e informação de qualidade para a comunidade.

Especificamente em relação ao projeto “Educação do Campo: limites e possibilidades da formação continuada para educadores na Baixada Campista”, avaliamos que as novas atividades desenvolvidas no período de pandemia proporcionaram: a) maior disciplina do grupo, visto que abastecemos diariamente as nossas redes sociais e para tanto há uma rotina de estudos e produção de material; b) maior capilaridade do projeto para além do público da escola, onde as atividades presenciais são desenvolvidas; c) e aprofundamento dos conceitos referentes à Educação do Campo, porque as *lives* proporcionam uma troca muito rica com outros grupos que tratam da mesma temática. Nesse aspecto, gostaríamos de registrar a participação de centros acadêmicos de outros estados nas nossas *lives* e postagens.

No âmbito da estrutura organizacional do grupo, destacamos a nossa capilaridade com estudantes e professores da escola. Essa inserção foi viabilizada por meio de um estudante que compõe nosso grupo e pelo diálogo com a coordenação pedagógica. Nesse sentido, para aumentar a popularidade do projeto, atingindo um público maior, estamos em fase de confecção de uma conta na plataforma Facebook.

### Referências

AGENDA 2030. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/tema/agenda2030/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/ CONSED/UNDIME, 2017.

CALDART, R. S. A escola do campo em movimento. *In*: MOLINA, M. C. *et al.* (org.) **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 87-132.

CALDART, R. S. Educação do Campo. *In*: CALDART, R. S. *et al.* (org.) **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.



DIESEL, Aline; BALDEZ Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann - Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, v.14, n. 1, p. 268 - 288, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia - IFSUL, 2017.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e> Acesso em: 10 jul. 2020.

MOREIRA, Marco A. **Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais**, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 23 de abril de 2010. Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueefinal.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SANTOS, R. B. dos. Formação do Educador de Jovens e Adultos do Campo. **Entrelaçando** -Revista Eletrônica de Culturas e Educação Caderno temático: Cultura e Educação do Campo, ano 2, n. 3 p. 1-16, nov. 2011.

VALENTE, J.; ALMEIDA, M. E. B.; GERALDINI, A. F. S. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 455-478, abr./jun. 2017.